

## A REPETIÇÃO NO SEMINÁRIO 11 DE JACQUES LACAN, A PARTIR DA RETOMADA DO CONCEITO DE FREUD, 1914.

Autor: Giuliano Almeida Gallindo  
Orientadora: Nancy Greca Carneiro

A proposta desse trabalho é falar sobre a Repetição, partindo de Freud e alcançar algumas das referências propostas por Lacan no Seminário 11. O termo surge em Freud ao propor o primeiro conceito em 1914 no escrito Recordar, Repetir e Elaborar. Ele inicia o capítulo falando das alterações que a técnica psicanalítica sofreu ao longo do tempo, da catarse de Breuer, a técnica hipnótica posteriormente utilizada, até a então nova técnica, associação livre e a tarefa de tentar descobrir o que o paciente deixava de recordar a partir desta.

Ao falar sobre a associação livre, Freud diz que há certos casos que se comportam como sob a técnica hipnótica até certo ponto, e mais tarde deixam de fazê-lo, mas outros conduzem-se diferentemente desde o início. Para esse segundo, diz que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out), reproduz não como lembrança, mas como ação, repete, sem saber que está repetindo.

Freud fala que o paciente pode apresentar essa repetição nos sonhos, na transferência e através da resistência. Desse último ele fala “quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (acting out) substituirá o recordar”. São as repetições dessas ações que nos permitirão percorrer caminhos familiares até o despertar da lembrança do paciente, para além da resistência. A repetição em sua verdadeira natureza, está sempre velada na análise, pela sua identificação com a transferência. A transferência aparece como fragmento da repetição, uma transferência do passado esquecido. O papel da resistência também é facilmente identificável, quanto maior for a resistência, mais extensivamente o acting out substituirá o recordar.

O autor diz que o analista precisa estar preparado para descobrir que o paciente se submete à compulsão, à repetição, que agora substitui o impulso a recordar, em cada atividade e relacionamento que ocupe sua vida na ocasião. E o que se repete? Freud entende que os caminhos que se repetem são familiares, de alguma maneira já conhecidos, eles aparecem sem dificuldades, após a resistência ter sido superada. O paciente repete sob condições da resistência, tudo o que avança a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta, suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas no decurso do tratamento. Nesse ponto ele chama atenção sobre a compulsão à repetição, o que torna sua doença não como acontecimento do passado, mas como uma força atual.

O repetir, induzido no tratamento analítico, implica evocar um fragmento da vida real, são esses conteúdos que o paciente precisa direcionar sua atenção, os fenômenos de sua moléstia. Freud acredita, nesse momento, que o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência. A partir desse processo tornamos a compulsão inofensiva e útil, concedendo-lhe um campo definido. A transferência serviria como esse ambiente onde será possível apresentar tudo que diz respeito a instintos patogênicos, que se encontram ocultos na mente do paciente. Através do processo de análise alcançaremos sucesso em

fornecer a todos os sintomas um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma ‘neurose de transferência’, que poderá ser curada através do trabalho terapêutico. As resistências serão superadas com auxílio do analista ao revelá-las, familiarizar o paciente com ela, ao terapeuta então, o que resta é esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, em seu tempo.

No seminário 11, para apresentar a repetição, Lacan recorre aos conceitos de Tiquê e Autômaton, título do capítulo V.

O autômaton está ligado a fantasia, a repetição da cena fantasmática, ele se mostra como a repetição do significante. Lacan representa através desse termo a repetição como realização do desejo, quando dá o exemplo dos sonhos. Ele por estar ancorado no simbólico vem retomar o sentido do real, mostra-se como a insistência da cadeia de significantes.

Do vocabulário de Aristóteles, Lacan toma emprestado o conceito de Tiquê que se traduz pelo “encontro do real. O real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer.” Para o autor, o real é o que vige sempre por trás do autômaton, e para ele é o que cuida Freud em toda a sua pesquisa. Ele resgata o caso do *homem dos lobos*, e chama atenção a função da fantasia, que Freud se empenha em interrogar qual é o encontro primeiro, o real, que pode haver por trás da fantasia.

A repetição em Freud e Lacan nesse primeiro momento apresenta um sujeito que percorre caminhos familiares em busca de um encontro, ele repete em fantasias, símbolos, ou atuação, através da transferência. O encontro se apresenta sempre faltoso, retoma sempre o mesmo lugar, o lugar do inacessível.

Lacan complementa sua ideia do papel da repetição para o sujeito dizendo, “a repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado pela análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas.” O que se repete, é sempre algo que se produz. A tiquê pode ser representada pelo encontro traumático com o real para o sujeito. A função da tiquê, do real como encontro, é a do traumatismo. A experiência dos analistas mostra que ela se apresenta na forma desse encontro traumático, que insiste se fazer lembrar e se reapresentar.

Nesse ponto podemos retomar a questão suscitada em Freud sobre compulsão a repetição. A partir de Lacan a tiquê como encontro com o real se mostra como encontro faltoso, traumático, e que tende sempre a se reapresentar para o sujeito de diversas formas. Aquilo que pode ser entendido no senso comum como por acaso, para o autor é sempre o encontro contingente com o real que se repete.

Os estudos sobre a repetição neste seminário, apresentada como Tiquê e Autômaton, se mostram como a reiteração de um encontro sempre faltoso, a tiquê como aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, o lugar do encontro traumático. E o autômaton, ancorado no simbólico, que vem retomar o sentido do real, a partir da cadeia de significantes, toma a repetição como a realização do desejo sempre insatisfeito, na neurose.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* [ESB]. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.